

É a retórica bolsonarista fascista?

: reflexões necessárias

Fabio Bacila Sald

Professor adjunto do Departamento de História, Universidade
Federal do Paraná

Resumo

A partir da análise de fontes, contrastadas com as reflexões de Jason Stanley e Federico Finchelstein, exploramos o potencial explicativo do conceito de fascismo para compreender os atos retóricos de Bolsonaro durante as eleições de 2018 e começo de seu mandato. Após introdução e contextualização desse caso, tendo como eixo o programa registrado pelo então candidato do PSL no TSE, apresentamos os pontos centrais da narrativa bolsonarista. Então, apresentamos o tipo ideal elaborado por Stanley e Finchelstein e o utilizamos para analisar as fontes. Para reforçar as interpretações e apontar outras leituras possíveis, introduzimos considerações de outros autores. Embora enfatizemos as convergências, não ignoramos as divergências, que legitimam a extensa discussão sobre a melhor definição do bolsonarismo e afins, colocando em xeque a pertinência do uso do conceito de fascismo.

Palavras-chave Fascismo – Pós-verdade – Brasil contemporâneo.

Submissão

25/05/2022

Aprovação

17/09/2023

Publicação

07/02/2024

Is the Bolsonaroist Rhetoric Fascist? Necessary Reflections

Abstract

From the analysis of sources, contrasted with reflections by Jason Stanley and Federico Finchelstein, we explore the explanatory potential of the concept of fascism to understand the rhetorical acts of Bolsonaro during the 2018 elections and the beginning of his term. After an introduction and contextualization of this case, based on the program registered by the PSL candidate at TSE, we present the points of the Bolsonaroist narrative. Following, we present the ideal type developed by Stanley and Finchelstein to analyze the historical sources. In conclusion, to reinforce the interpretations and to point out other readings, complementary ones from other authors are introduced. Although we emphasize the convergences, we do not ignore the divergences, which legitimize the extensive discussion about the best definition of Bolsonaroism and the like, putting in check the pertinence of the use of the concept of fascism.

Keywords Fascism – Post Truth – Contemporary Brazil.

¿La retórica bolsonarista es fascista?: reflexiones necesarias

Resumen

A partir del análisis de fuentes, contrastado con las reflexiones de Jason Stanley y Federico Finchelstein, exploramos el potencial explicativo del concepto de fascismo para comprender los actos retóricos de Bolsonaro durante las elecciones de 2018 y el inicio de su mandato. Luego de introducir y contextualizar este caso, teniendo como eje el programa registrado por el entonces candidato del PSL en el TSE, presentamos los puntos centrales de la narrativa bolsonarista. Luego, presentamos el tipo ideal desarrollado por Stanley y Finchelstein y lo usamos para analizar las fuentes. Para reforzar las interpretaciones y señalar otras lecturas posibles, introducimos consideraciones de otros autores. Si bien enfatizamos las convergencias, no ignoramos las divergencias, que legitiman la extensa discusión sobre la mejor definición del bolsonarismo y similares, poniendo en duda la pertinencia del uso del concepto de fascismo.

Palabras clave Fascismo – Posverdad – Brasil contemporáneo.

No Brasil contemporâneo, a consolidação de Jair Bolsonaro como figura pública nacional deu ensejo a um profícuo debate acerca da atualidade, ou não, do conceito de fascismo para definir sua atuação política.¹ Quem, minimamente, conhece a bibliografia pertinente e acompanha a atual conjuntura percebe correlações imediatas, como a predominância nas representações políticas do bolsonarismo e de seus adeptos de uma visão de mundo simplista, conspiratória, de forte teor moralista, maniqueísta e autoritário. Uma base social difusa reproduz essas representações estruturadas de forma verticalizada, que também são difundidas por meio de robôs e perfis falsos e não excluem elementos espontâneos de produção e reprodução, explorando medos, preconceitos e posições politicamente regressivas arraigadas no senso comum. Tais elementos já justificam esforços analíticos para averiguar a pertinência das comparações entre o caso brasileiro e os fascismos.

Para introduzir esse universo simbólico e a forma como ele se manifesta no debate público, recorreremos a duas definições concorrentes: enquanto “esquerdopatas” é usado para se referir aos “inimigos”, estes rebatem chamando os apoiadores de Bolsonaro de “gado”, pois expressam um seguidismo acrítico. Esquerdopata revela um entendimento homogeneizador e depreciativo da alteridade, que reúne distintos sujeitos sob uma mesma categoria, cujo elemento central seria padecer de uma doença, no caso, a ausência da racionalidade, que é elemento central na definição iluminista dos seres humanos. Ou seja, a alteridade não se constitui em interlocutor legítimo no debate público, que expressa outra racionalidade possível, mas alguém que sofre de uma doença (posicionar-se à esquerda do espectro político). Assim, carente da faculdade da razão, o outro é deslegitimado e demonizado. A banalização dessas expressões revela o esvaziamento do debate público, característico dos fascismos.

Para introduzir esse universo simbólico e a forma como ele se manifesta no debate público, recorreremos a duas definições concorrentes: enquanto “esquerdopatas” é usado para se referir aos “inimigos”, estes rebatem chamando os apoiadores de Bolsonaro de “gado”, pois expressam um seguidismo acrítico. Esquerdopata revela um entendimento homogeneizador e depreciativo da alteridade, que reúne distintos sujeitos sob uma mesma categoria, cujo elemento central seria padecer de uma doença, no caso, a ausência da racionalidade, que é elemento central na definição iluminista dos seres humanos. Ou seja, a alteridade não se constitui em interlocutor legítimo no debate

1 SAHD, F. B. “Neofascismo no Brasil? Posições em debate entre 2018 e 2020”. *Tensões Mundiais*, v. 17, nº 34, p. 97-124, 2021.

público, que expressa outra racionalidade possível, mas alguém que sofre de uma doença (posicionar-se à esquerda do espectro político). Assim, carente da faculdade da razão, o outro é deslegitimado e demonizado. A banalização dessas expressões revela o esvaziamento do debate público, característico dos fascismos.

Ao menos, no concernente à conjuntura imediata, podemos compreender, parcialmente, a deterioração da esfera pública associando-a à retórica bolsonarista. Tal qual o trumpismo, a preferência é pelos canais de comunicação diretos com sua extensa base de apoio, no caso redes sociais. Inclusive, foi criada a “TV Bolsonaro”, por meio do aplicativo “Mano”, literalmente, convocando os brasileiros para se manterem permanentemente informados e difundirem os conteúdos gerados pela família Bolsonaro e apoiadores e, assim, “combater a absurda restrição” do alcance de suas postagens nas redes sociais, para ajudar a “construir um Brasil melhor, um Brasil decente!”.² Por meio dessa infraestrutura comunicacional, são reforçados, constantemente, os pilares dessa visão de mundo, sintetizados na campanha presidencial de 2018, mantendo seus apoiadores mobilizados em sua defesa e no ataque aos inimigos políticos, aglutinados sob o rótulo do comunismo e seus sinônimos e representados como expressão de um inimigo global e existencial. O “gabinete do ódio” se tornou um jargão jornalístico cotidiano para definir esse dispositivo de poder, o funcionamento dessa máquina difusora de um discurso que interpreta os fatos de modo simplificado e dicotômico e que foi colocada em operação bem antes do pleito de 2018 e, desde então, aprimorada. Os inimigos são detratados e a infabilidade do líder e da causa mantida. Se “gabinete do ódio” destaca o caráter vertical e intencional na difusão dessa narrativa, enfatizando os canais geridos diretamente pelo núcleo duro, não podemos ignorar também o caráter descentralizado, próprio das redes sociais e da comunicação em rede, que pode ser compreendida como uma teia ramificada de pontos nodais, conectando as pessoas que produzem e reproduzem essa lógica, espontaneamente ou não.³

É fato que, a visão de mundo conspiratória e paranoide segue sendo alimentada e reverbera, fortemente, no tecido social, sustentando uma considerável base de apoio. Portanto, não foi mera estratégia eleitoral. À medida que os dias passaram, em suas manifestações, o atual governo reproduziu sua eficaz lógica discursiva, reiterando seus temas fortes, já banalizados e que embasam a atuação de seus apoiadores nessa realidade política fraturada. Se, após anos expostos, já nos acostumamos a conviver com esse

2 CANAL FLAVIO BOLSONARO. Baixe o aplicativo Mano! Saiba o motivo — TV Bolsonaro. Youtube, 26 jul. 2018.

3 BOMFIM, C; FALCÃO, M. “Moraes determina prisão preventiva de blogueiro bolsonarista”. *GI*, 18 dez. 2020.

discurso de ódio (socialmente normalizado e politicamente legitimado como alternativa possível) devemos envidar esforços para compreender criticamente sua lógica, ou como esse “mal” se tornou banal, prevalecendo o “não pensar”.⁴ Vale insistir no estranhamento e distanciamento, entendendo a incapacidade de diálogo como fruto dessas representações demonizadas e fantasiosas da alteridade, como constructo social recente na história brasileira.

Desse modo, o objetivo aqui é analisar o discurso bolsonarista, contrapondo-o a um tipo ideal de retórica fascista. Metodologicamente, o fio condutor para nos guiar nesse universo simbólico é o plano oficial registrado no TSE, em 2018, pelo então candidato à presidência pelo PSL. Esse documento síntese, produzido pelo próprio grupo aqui analisado e que oficializa seu discurso, foi contraposto a artigos publicados em mídias de grande circulação nacional, de modo a garantir um comparativo suficiente e delinear os contornos mais gerais desse universo discursivo e de sua possível continuidade. Priorizamos no levantamento dessas fontes (que durou cerca de um ano) a pluralidade dos veículos, de modo a poder contrastá-las e averiguar consonâncias e divergências. Grosso modo, constatamos que não apresentam contradições entre si e nem como o plano registrado no TSE, sendo complementares na cobertura dos atos retóricos anteriores e posteriores ao pleito eleitoral, sendo este o recorte temporal da pesquisa. Vale destacar que, embora reproduzam seus elementos estruturantes na maior parte do tempo, os pronunciamentos como um todo não são sempre lineares, apresentando ambiguidades, sendo compostos de mentiras explícitas e repetitivas e idas e vindas, com Bolsonaro dizendo e depois desdizendo algo, como em suas manifestações ora defendendo ora atacando a legalidade e as instituições vigentes.

Dentre um universo muito amplo de materiais possíveis (foram arroladas mais de cem reportagens), privilegiamos aqueles que melhor permitem comparar o bolsonarismo com o “tipo ideal”⁵ de fascismo, tal qual apresentado por bibliografia especializada (Jason Stanley e Federico Finchelstein). As características comuns aos casos clássicos são usadas como contraste para averiguar o grau de adequação desse caso concreto, temporal e espacialmente muito distante das manifestações europeias do entreguerras. Tais autores se inserem em um controverso debate acerca da tipologia ideal para classificar figuras como Bolsonaro, Trump, Le Pen e outros. Por isso, ao final, a linha interpretativa de mais alguns especialistas é resumida para ilustrar convergências e outras leituras possíveis, constituindo uma imagem mais plural. Um balanço bibliográfico mais exaustivo foge ao escopo e às dimensões do presente texto, focado em

4 ARENDT, H. *Eichmman em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999; ARENDT, H. *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

5 WEBER, M. *Conceitos básicos de Sociologia*. São Paulo: Centauro, 2002. p. 32-33.

uma análise empírica e em contribuir para o caloroso e já extenso debate sobre a manifestação de fascismo no Brasil, constituído de artigos midiáticos publicados em diferentes canais por renomados intelectuais, como Chauí, Boito Jr., Boff, Safatle, Arcary e Löwy.⁶ Dentre estes, há quem negue a pertinência da comparação (ênfatisando elementos de ruptura e buscando alternativas conceituais) e quem destaque continuidades e semelhanças, referendando a atualidade do conceito na compreensão do bolsonarismo.

Cabe uma última consideração teórico-metodológica. Embora o procedimento adotado seja uma análise de discurso, temos ciência de que o universo simbólico-retórico não pode ser separado do plano da ação política e da vida social prática. Afinal, se o discurso é uma ferramenta da prática social esta é uma ferramenta daquele. O ponto central aqui, e um tanto óbvio para a consideração de nosso objeto, é como o bolsonarismo se viabiliza ao incorporar e explorar abertamente a tradição violenta e autoritária arraigada no tecido social, pois construída ao longo dos séculos de processo histórico,⁷ de modo que os elementos simbólicos analisados encontram forte eco na estrutura social brasileira como um todo, e mais ainda na base arregimentada pelo bolsonarismo.

Breve contextualização do Brasil atual e dos usos e abusos dos fascismos

Em contrapartida à década anterior, dominada pelo fenômeno do lulismo⁸ e encerrada com um sentimento generalizado de otimismo, refletido nos altíssimos índices de aprovação do governo federal, o Brasil dos anos 2010 se caracteriza por crises sucessivas e multidimensionais, que resultaram nas maiores manifestações de massa de sua história (2013 e 2016). Paralelamente aos impactos da crise fiscal e econômica, que fez milhões de famílias retrocederem de suas posições socioeconômicas, ganhou corpo uma crise política e institucional, alimentada pelos casos de corrupção devassados pela equipe da polêmica Operação Lava Jato, que “instrumentalizou e politizou” o judiciário, com seu principal representante se tornando o ministro da justiça na gestão bolsonarista. Tratar-se-ia de uma gradativa “degradação institucional” e “tendência

6 SAHD, F. B. “Neofascismo no Brasil? posições em debate entre 2018 e 2020”. *Tensões Mundiais*, v. 17, nº 34, p. 97-124, 2021; SAHD, F. B. “(Neo)fascismo à brasileira: o debate entre o impeachment e a eleição de 2018”. *História Unissinos*, vol. 26, n. 1, p. 140-153, 2022.

7 SCHWARCZ, L. M. *Sobre o autoritarismo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

8 SINGER, A. *Os sentidos do lulismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

antidemocrática”, que teve início com o impedimento de Dilma, minando a legitimidade de diferentes instituições e da democracia brasileira como um todo.⁹

Essa instabilidade precisa ser compreendida como produto social e político, em muitos pontos, intencional, fruto de correlações e disputas de força, sendo inclusive hiperdimensionada e revestida de contornos cosmológicos em discurso de opositores dos governos do Partido dos Trabalhadores (PT). De modo geral, a crise multidimensional foi canalizada, aprofundada e capitalizada pelas “elites conservadoras” e pelas oposições, especialmente, por aqueles setores que se tornaram a base social do bolsonarismo. Este apostou na demonização e degradação das instituições democráticas como projeto de poder e objetivo, realizável por meio da sistematização de fake news difamatórias e da convocação e apoio a manifestações de rua pedindo intervenção militar. “O bolsonarismo representa uma nova forma de conservadorismo, um conservadorismo ideológico e anti-institucional, que rompe com os padrões normais da democracia e despreza as instituições democráticas”.¹⁰

Mas, tal processo, em partes, antecede o bolsonarismo. Já as eleições de 2014 apresentaram acentuada polarização e radicalização, com o candidato derrotado contestando o resultado e prometendo derrubar o governo eleito. Desde então, o clima recrudescceu, sendo explorados os escândalos de corrupção, que irrigaram diversas campanhas e partidos, seja da base do governo seja da oposição. Até que, montou-se um esquema, “com o Supremo e com tudo” — usando o áudio vazado do então senador Romero Jucá —, para interromper o mandato de Dilma e “estancar a sangria”, além de realizar outros objetivos, recorrendo-se a um processo de impedimento, definido por muitos como golpe.¹¹ Para tal desfecho também contribuiu o crescente engajamento e militância orgânica de intelectuais, grupos e setores empenhados em desgastar o PT, com o apoio consorciado de setores do empresariado reunidos em federações, partidos, meios de comunicação e uma rede internacional de ONGs ultraliberais, chamada *Atlas Network*.¹² Esse processo radicalizou ainda mais as posições sendo, literalmente, erguido um muro em Brasília para evitar o contato e violência entre as partes, favoráveis ou

9 AVRITZER, L. “Democracia e degradação institucional”. *Le Monde Diplomatique Brasil*, ano 14, n. 159, outubro de 2020. p. 6-7.

10 AVRITZER, L. “Democracia e degradação institucional”. *Le Monde Diplomatique Brasil*, ano 14, n. 159, outubro de 2020. p. 6-7.

11 ALVES, G. et al. (coord.). *Enciclopédia do golpe*. Bauru: Canal 6, 2017; EL PAÍS. “A solução mais fácil era botar o Michel”. Os principais trechos do áudio de Romero Jucá”. *El País*, 24 mai. 2016.

12 BAGGIO, K. G. “Conexões ultraliberais nas Américas: o think tank norte-americano Atlas Network e suas vinculações com organizações latino-americanas”. *Anais do XII Encontro Internacional da ANPHLAC*. Campo Grande, 2016.; CARRATO, Á. “Da Lava Jato à derrubada de Dilma, prisão de Lula e destruição da Petrobrás, o nome disso tudo é guerra híbrida”. *STIGABC*, 18 jun. 2019; SAHD, F. B. *ONGs internacionais e o avanço das direitas*. Uberlândia: Navegando Publicações, 2019.

contrárias ao impedimento de Dilma. Após o governo Temer, a polarização chegou ao paroxismo em 2018, desdobrando-se em violência simbólica cotidiana e, em diferentes circunstâncias, física e até assassinatos.¹³ A prisão de Lula e a surpreendente eleição de Bolsonaro são desfechos dessa década *sui generis*, com o capitão capitalizando o antipetismo.

É justamente nesse recorte, na “vertigem de nossa democracia”, que ganhou corpo o já extenso debate sobre o (neo)fascismo no Brasil, opondo diferentes perspectivas. Mas, sinais de alerta foram emitidos bem antes. Por meio de pesquisa na internet, localizamos um primeiro artigo de 2008. Em entrevista sobre casos de corrupção então em voga, Luiz Vianna destacou uma estagnação das agendas políticas centrais e um recuo da esfera do político, reduzido ao noticiário policial, com “os piores instintos da sociedade” suscitados por “intervenções espetaculosas da Polícia Federal” em parceria com o Ministério Público (um “Batman institucional”), mobilizando a mídia e a opinião pública.¹⁴ Fortaleceu-se, sobretudo entre a classe média, um moralismo em detrimento da discussão propriamente política. Profetizou Vianna: “há elementos muito perigosos aí, de índole messiânica, salvacionista, apolítica, que podem indicar a emergência de uma cultura política fascista”, emanando as “primeiras fumacinhas de uma síndrome fascista entre nós”. Ainda em 2013, em artigo midiático, se Romano denunciou o abuso das acusações superficiais de fascismo na cultura política para deslegitimar adversários, também advertiu que, para o pleito que se avizinhava, as partes deveriam se abster de estratégias retóricas dessa natureza, como “o uso da propaganda para exterminar inimigos”, o que provocaria fissuras no tecido social. Ou seja, o “ovo da serpente” fascista já estaria em nidificação.¹⁵

Apesar dessas tentativas pioneiras e premonitórias de fomentar o debate sobre o (neo)fascismo na cultura política contemporânea, o tema ganhou mesmo corpo do contexto do impeachment em diante, tornando-se recorrente em publicações veiculadas pelo Portal do Instituto Humanitas da Unisinos (IHU), abordando tanto o cenário nacional quanto internacional. Inclusive, a temática foi o cerne do dossiê publicado em 2016 pela *Revista do IHU*, intitulado “A volta do fascismo e a intolerância como fundamento político”. As publicações foram se avolumando à medida que as eleições de 2018 se aproximaram, havendo um boom durante seu segundo turno e após.

13 AGÊNCIA PÚBLICA. “Apoiadores de Bolsonaro realizaram pelo menos 50 ataques em todo o país”. *Congresso em Foco*, 11 out. 2018; G1. “Travesti é morta a facadas durante briga em bar no Centro de São Paulo”. *G1*, 16 out. 2018.

14 VIANNA, L. W. “Fascismo: moralismo faz a política ficar de fora da discussão. Entrevista especial com Luiz Werneck Vianna”. *Revista IHU on-line*, 19 jul. 2008.

15 ROMANO, R. “Fascismo!”. *Revista IHU on-line*, 19 nov. 2013.

Ainda para fins de contextualização, vale mencionar as reflexões retrospectivas de Vladimir Safatle, que também configuram um uso do conceito de fascismo.¹⁶ Estaria cada vez mais nítida a “emergência de um corpo fascista” como resposta ao colapso do lulismo, caracterizado “pela emergência do povo e pelas promessas de transformação social”. Como todo fascismo, o bolsonarismo teria nascido “de uma revolução abortada”, sendo uma “versão terrorista e invertida [...] uma versão militarizada de seu oposto, a saber, Lula”, ou ainda um “antídoto à reemergência” desse “corpo político populista”, anulando a polaridade real ao criar um “duplo imaginário”. A lógica dos “duplos políticos” (fascismo bolsonarista e populismo lulista) seria fundamental na compreensão das “regressões fascistas”. É fato que, Bolsonaro ascendeu a partir do movimento antipetista, apropriando-se da estética “verde e amarela” para se apresentar como seu legítimo e mais aguerrido representante e, em decorrência, a opção dos “verdadeiros brasileiros” — expressão muito utilizada em sua narrativa.

A retórica bolsonarista: breve amostragem

A seguir, detalharemos os elementos estruturantes da retórica bolsonarista, objetivando demonstrar o núcleo de sua lógica discursiva ou as partes principais que a vertebram para, então, contrastar com o tipo ideal fascista. A amostragem inclui artigos publicados em diferentes periódicos, mas a sua espinha dorsal é o programa registrado no TSE pelo presidenciável Bolsonaro. Logo, não se trata de oferecer uma ampla amostra diacrônica, observando as nuances ao longo do tempo, mas apenas trazer os elementos estruturantes de sua conformação atual, aquela que se saiu vitoriosa. Se manifestações de autoritarismo acompanham sua longa carreira parlamentar, ao que parece os retoques finais de seu universo discursivo foram dados na segunda década dos anos 2000, com ataques à igualdade de gênero e diversidade sexual garantindo sua aproximação de “setores políticos religiosos conservadores, realizada com mais afincamento a partir de 2016, quando já preparava sua candidatura à Presidência”, sendo ilustrativo seu batismo no Rio Jordão.¹⁷ Se vistos isoladamente seus atos retóricos parecem tresloucados, ensejando piadas e menosprezo, quando reunidos e analisados conjuntamente, refletem um todo internamente coerente e eficaz no convencimento e mobilização dos segmentos alvo (as bases mais permeadas e que melhor expressam o autoritarismo brasileiro de longa duração).

16 SAFATLE, V. “Como a esquerda brasileira morreu”. *El País*, 10 fev. 2020.

17 BIROLI, F. “Gênero sob ataque e a erosão da democracia”. *Le Monde Diplomatique Brasil*, ano 14, n. 159, outubro de 2020. p. 4-5.

“Caminho da Prosperidade: Projeto Fênix” é o título do programa registrado pela vitoriosa chapa do PSL-PRTB. O símbolo da ave que renasce das cinzas é, por si só, ilustrativo do ímpeto redentor, que devolverá o “Brasil” a seus “verdadeiros donos” tão logo seja superado o “atual ciclo de crime, corrupção e ideologias perversas”. Eis a lógica mais ampla que estrutura suas intervenções e, inclusive, o documento eleitoral. Quanto a este, suas primeiras linhas, formuladas em termos vagos, denunciam a instabilidade, “depravação” e queda nacional, prometendo a regeneração. É uma construção passional e irracional, que sintetiza todos os males em uma suposta unidade, o “comunismo”, espécie de quintessência do mal. Essa totalidade pérfida inclui PT, crime organizado, oligarquias, “toma lá, dá cá”, “acordos espúrios”, ideologias de gênero e “sexualização” deliberada das crianças, tudo o que conspurca os “verdadeiros valores da nação e família brasileira” e “que nos jogou em uma crise ética, moral e fiscal”. “Propomos um governo decente”, formado por pessoas compromissadas com o Brasil e os brasileiros e que “defenda e resgata o bem mais precioso de qualquer cidadão: a Liberdade. Um governo que devolva o país aos seus verdadeiros donos: os brasileiros”. Ou seja, não só a liberdade, mas o próprio país foi tomado de seus “verdadeiros donos”, sendo “a esquerda”, o “comunismo”, responsável pelo “roubo e decadência nacional” ao veicular “ideologias perversas” e se “mancomunar com as oligarquias corruptas”.¹⁸

Ainda, lê-se no programa: “nos últimos trinta anos [...] a esquerda corrompeu a democracia e estagnou a economia [...] o marxismo cultural e suas derivações, como o gramscismo, se uniu às oligarquias corruptas para minar os valores da nação e da família brasileira”. Mas, nós “faremos uma aliança da ordem com o progresso: um governo liberal democrata”. Note-se: todos os governos civis, desde 1988, são enquadrados como “esquerdas” e um “governo liberal democrata” é apresentado como novidade, assim como princípios liberais na economia, jamais adotados. Inserindo essa reivindicação “liberal democrata” no todo de sua trama discursiva, ela se revela frágil, pois atrita com o substrato autoritário, violento e conservador que estrutura o conjunto. Expressa essa contradição a própria fórmula: “liberal na economia, conservador nos costumes”. Do mesmo modo, é sintomática a representação da alteridade como inimigo existencial e a defesa de uma “democracia” depurada, limitada aos “verdadeiros brasileiros”, temas comuns em seus atos retóricos. Os contornos malévolos do inimigo são sempre realçados, com as esquerdas vinculadas às drogas, perversão sexual e violência, como se as difundissem intencionalmente para desestabilizar a sociedade e “minar” seus valores. Ou seja, é um mal a ser erradicado, não um adversário legítimo dentro da lógica liberal, com fala e representatividade institucional garantida e respeitada. Consta no Projeto

18 CAMINHO DA PROSPERIDADE. Propostas de plano de governo de Jair Bolsonaro. TSE, Brasília, 2018. p. 1-5.

Fênix, em letras garrafais, com um fundo vermelho e um mapa: “coincidentalmente, onde participantes do Foro de SP governam, sobe a criminalidade”. Esse conjunto de fatos é descrito como “A guerra do Brasil”, evidenciando maniqueísmo e belicosidade. Reforça a estigmatização do outro a “ideologia de gênero” e as menções ao suposto “Kit gay”, apresentados como parte do plano comunista global para destruir o capitalismo, o Ocidente e os valores cristãos. Uma defesa seria o ensino técnico, meritocrático e empreendedor “sem doutrinação e sexualização precoce”.¹⁹

A fantasmagoria do inimigo plenipotenciário, onipresente e corruptor estrutura os diversos atos retóricos bolsonaristas. Na primeira propaganda radiofônica do segundo turno, Lula foi relacionado ao Foro de São Paulo e o narrador admoestou que, a vitória de Haddad “pode ser a volta do comunismo, após a queda do Muro de Berlim, em 1990”, sendo Fidel Castro, ao lado de Lula, responsável por “plantar em nossa pátria’ a semente do comunismo [...] o vermelho jamais foi a cor da esperança, e sim um sinal de alerta para despertar o Brasil. Estamos à beira de um abismo”.²⁰ Na mesma linha segue uma carta atribuída a Bolsonaro, que circulou pelas redes sociais logo após o pleito. De sua autoria ou não, reproduz sua retórica, garantindo-lhe verossimilhança e a mobilização da base, exposta permanentemente e por diferentes canais (oficiais ou não) ao discurso messiânico. O “Brasil foi aparelhado para o socialismo/comunismo”, inclusive com a “doutrinação nas universidades” e “imprensa com verbas”. “Conquistamos a presidência”, mas “o PT e suas variáveis ainda dominam tudo que leva até lá”, estando o Estado (a “máquina”) todo “podre e comprometido”. Como os comunistas “irão sabotar-me desde o primeiro dia”, o eleitor precisa continuar apoiando para que o governo faça “as reformas que o país precisa”.²¹ Assim, a atuação da oposição a ele e a suas medidas ultraliberais é despolitizada e deslegitimada como sabotagem e não reflexo de uma visão contrária e legítima. No discurso de posse, finalizado com o bordão “nossa bandeira jamais será vermelha”, a mesma teoria conspiratória foi reproduzida: “não podemos deixar que ideologias nefastas venham a dividir os brasileiros. Ideologias que destroem nossos valores e tradições, destroem nossas famílias, alicerce da nossa sociedade”.²²

19 CAMINHO DA PROSPERIDADE. Propostas de plano de governo de Jair Bolsonaro. TSE, Brasília, 2018. p. 2; 10-13; 26-27; 41.

20 O GLOBO. “Programa de Bolsonaro no rádio fala em ‘amigos do comunismo’; Haddad cita ataques de crimes de ódio pelo país”. *O Globo*, 12 out. 2018.

21 MATSUKI, E. “Bolsonaro diz que as mazelas da esquerda e PT vão durar muitos anos”. *Boatos*, 11 nov. 2018. Disponível em: <<https://www.boatos.org/politica/bolsonaro-mazelas-esquerda-pt-durar-anos.html>>. Acesso em: 13 jan. 2019.

22 G1. “Em discurso, Bolsonaro diz que Brasil precise deixar de lado a divisão ideológica”. *G1*, 1 jan. 2019.

Em pronunciamentos posteriores, verifica-se a continuidade dessa narrativa mitológica de queda e renascimento e do outro como mal absoluto. Versando sobre o “massacre” das universidades pela “ideologia de esquerda”, encerrou uma postagem no Twitter afirmando a grandeza e dureza da tarefa de “refazer” o Brasil, que eles estavam começando a realizar, mas que caberia às próximas gerações continuar para impedir “para sempre que o mal que esteve tão perto de destruir nosso país volte com força. Defeitos, todos temos, mas a maldade formada para destruir é nata e organizada apenas por um lado. Vamos trabalhar juntos para resgatar nosso amado Brasil!”.²³ Em uma de suas primeiras intervenções, o segundo ministro da educação, Abraham Weintraub, já escancarou a lógica conspiratória. Discursando no melhor estilo “pós-verídico” afirmou que, “os comunistas estão no topo do país. Eles são o topo das organizações financeiras. Eles são os donos dos jornais. Eles são os donos das grandes empresas. Eles são os donos dos monopólios”.²⁴ Na mesma linha falaciosa, estão as produções culturais e “históricas” do influente grupo Brasil Paralelo, inclusive sobre a ditadura de 1964, que explicam de modo simplista as complexidades atuais, como as “universidades serem de esquerda”.²⁵ Desvendando esse “fato”, em livro, o grupo afirma, sem citar referências, que a URSS adotou uma política de infiltrar intelectuais marxistas nas universidades brasileiras. Ao fim e ao cabo, são teorias da conspiração, antigas e modernas, que impactam as percepções da verdade, com os conspiradores se apresentando como “engajados numa luta milenarista”, apocalíptica.

Muitas outras passagens expressam o substrato autoritário do bolsonarismo — e do qual ele se vale —, portanto, a superficialidade de sua reivindicação “liberal democrática”, como aquelas concernentes às instituições brasileiras, fomentando a instabilidade. Antes, durante e após o pleito de 2018, Bolsonaro questionou as urnas eletrônicas, o sistema eleitoral e instituições como o Congresso, o TSE e o STF.²⁶ Uma das propostas que defendeu, mas que não figurou em seu plano oficial, foi a de ampliar o número de ministros do STF, a fim de “colocar dez isentos lá”, pois “da forma como eles têm decidido as questões nacionais, nós realmente não podemos sequer sonhar em mudar o destino do Brasil”. O órgão tem tomado “decisões que lamentavelmente têm envergonhado a todos nos últimos anos”.²⁷ Ou seja, o judiciário é suspeito e precisa de uma intervenção. Seu filho falou em fechar o STF, mas, sentindo a repercussão

23 CORREIO BRAZILIENSE. “Universidades são ‘massacradas por ideologia de esquerda’, diz Bolsonaro”. *Correio Braziliense*, 11 mar. 2019.

24 AZEVEDO, R. “Com Weintraub na educação, Bolsonaro só dobra a dose do remédio errado”. Blog de Reinaldo Azevedo, 8 abr. 2019.

25 BRASIL PARALELO. *Entre mitos e verdades: a história do regime militar*. 3ªed. 2018. p. 7-8.

26 SETO, G. “‘Não aceito resultado diferente da minha eleição’, afirma Bolsonaro”. *Folha de São Paulo*, 28 de setembro de 2018.

negativa, Bolsonaro o contrariou em carta enviada a Celso de Mello enaltecendo a instituição.²⁸ Esses posicionamentos, reforçando a suspeição em relação ao status quo e mobilizando para subvertê-lo, ignoram fatos óbvios, como a prisão do principal antagonista desse universo simbólico maniqueísta. Mas não importa a coerência e sim a eficácia da lógica discursiva: só a ação do capitão outsider pode alterar esse estado de coisas e redimir o país, salvando-o, outra vez, do comunismo. “O gigante acordou”, ressurgiu renovado e trajando verde e amarelo, é uma metáfora comum em seus discursos.

Nas ruas, ecoando esse universo simbólico, a temperatura foi, e é, muito mais elevada e abertamente antiliberal. Bolsonaro incitou o ódio e a violência, como em comício no Acre, quando defendeu “fuzilar a petralhada” simulando um fuzil com um tripé de câmera.²⁹ Em discurso no dia 21 de outubro de 2018, afirmou que os vermelhos “perderam ontem, perderam em 2016 e vão perder a semana que vem de novo”. Mas, agora, a “faxina” “será muito mais ampla [...] será uma limpeza nunca vista na história do Brasil [...] Esses marginais vermelhos serão banidos de nossa pátria [...] Essa pátria é nossa. Não é dessa gangue que tem uma bandeira vermelha e tem a cabeça lavada”. MST e MTST não são movimentos sociais, mas “marginais vermelhos”, “terroristas” e “bandidos” que levam “terror ao campo ou às cidades”.³⁰ Representações demonizadas continuaram em seus pronunciamentos, não havendo oposição legítima, mas inimigos a serem banidos em prol do “Brasil de verdade”, de “um só povo, uma só raça, uma só bandeira verde e amarela”, a qual não pertence “esse povo de esquerda [que] sempre quis roubar a nossa liberdade. Por isso que defendo a posse de arma de fogo e o porte também”.³¹

Em tantos outros discursos, Bolsonaro reafirmou a questão de armar a população e o papel proeminente das forças armadas e de segurança em seu governo. Em entrevista para a Band, defendeu o uso de militares para patrulhamentos de rotina se o Congresso aprovar “excludentes de ilicitude” — proposta esta incluída em seu programa oficial, cuja versão popularizada é “dar carta branca para a polícia matar”, e que tentou

27 FOLHA DE SÃO PAULO. “Bolsonaro quer aumentar número de ministros do Supremo”. *Folha de São Paulo*, 2 de julho de 2018.

28 MAIA, G. “Em carta a Celso de Mello, Bolsonaro diz prestigiar STF após fala de filho”. *UOL*, 22 de outubro de 2018.

29 G1. “STF suspende queixa contra Bolsonaro sobre ‘fuzilar a petralhada’”. *G1*, 1 fev. 2019.

30 REUTERS. “‘Esses marginais vermelhos serão banidos de nossa pátria’, diz Bolsonaro”. *UOL*, 21 de outubro de 2018.

31 MENDONÇA, R. “No Piauí, Bolsonaro promete varrer ‘essa turma vermelha’”. *Valor econômico*, 15 ago. 2018.

aprovar.³² Essa ênfase na violência e segurança, inclusive legitimando a descartabilidade da vida e de prerrogativas protetivas legais, também fica explícita nas propostas de redirecionar a “política de direitos humanos”, priorizando policiais, e de tipificar as ocupações de propriedades como terrorismo, criminalizando movimentos sociais. Outros princípios liberais também são negados, corriqueiramente, como ao abordar o tema da educação, defendendo o “combate à ‘doutrinação’”, o que mascara uma lógica de censura e perseguição ideológica. Em seus próprios termos, “erradicação da pedagogia Paulo Freire” e das “ideologias pervertidas”, como “marxismo cultural” e “gramscismo”.³³ Ou seja, nega-se a pluralidade pedagógica, defendendo uma visão tecnicista como possibilidade única e supraideológica. O autoritarismo se verifica também na listagem pública de críticos do governo, bem como no desrespeito à gestão democrática das instituições de ensino superior, deixando de respeitar eleições para reitor ao apontar “nomes com experiência em ‘gestão’ e ‘administração’ e sem vínculos com partidos de esquerda”, que “aparelharam” as universidades.³⁴

Em suma, as falas bolsonaristas são autoritárias, incongruentes com os fundamentos liberais, negados subsequentemente, como nos slogans “meu partido é o Brasil” e “Brasil acima de tudo. Deus acima de todos”. Contraditoriamente, no Caminho da Prosperidade figura a defesa das liberdades básicas, um “Brasil de diversas opiniões, cores e orientações”.³⁵ Contudo, mais adiante, essas “cores” são especificadas: trata-se, somente, do “verde, amarelo, azul e branco”, com a exclusão da oposição implícita, ressaltando-se a igualdade e liberdade somente dos que se enquadram no modelo. Ou seja, a mesma sentença que inclui, exclui segmentos, não prevendo sua participação no futuro estado de coisas, tal como na “época áurea” da ditadura. A chamada à ação, com fundo verde e amarelo, é explícita: “precisamos nos libertar! Vamos nos libertar!”. Desse modo, apesar da reivindicação explícita de um “governo liberal democrata”, direitos civis e políticos básicos são atacados, explicitando intolerância e autoritarismo. Não é fortuito que, os direitos humanos sejam, constantemente, vilipendiados como “direitos de bandido”, banalizando e legitimando manifestações LGBTfóbicas, machistas, racistas ou mesmo abertamente fascistas que, inclusive, agredem física e simbolicamente em seu nome. No discurso de posse Bolsonaro decretou o fim do “politicamente correto”, afinal, a racionalidade e o

32 CARVALHO, R. “Bolsonaro diz que quer dar ‘carta branca’ para PM matar em serviço”. *UOL*, 14 dez. 2017.

33 CAMINHO DA PROSPERIDADE. Propostas de plano de governo de Jair Bolsonaro. TSE, Brasília, 2018. p. 32.

34 ESTADÃO. “Nomes e até a lista tríplice para escolha de reitor estão na mira de Bolsonaro”. *Istoé*, 22 out. de 2018.

35 CAMINHO DA PROSPERIDADE. Propostas de plano de governo de Jair Bolsonaro. TSE, Brasília, 2018. p. 4-8.

mínimo ético irreduzível ou direitos humanos precisam ceder a afetos como medo, ressentimento e ódio e a sua mobilização política.

Um penúltimo elemento que destacamos nessa retórica são as manipulações históricas, reconstruindo o passado conforme as conveniências do presente. 1964 foi uma revolução que defendeu a liberdade e democracia no Brasil: “heróis impediram a tomada do poder por forças de esquerda”. Eis um tema caro, figurando no programa oficial, que antecipou o revisionismo de sua gestão.³⁶ Na contramão do reconhecimento dos crimes pelo Estado brasileiro e indenização das vítimas (ridicularizada como “Bolsa ditadura”), o Caminho da Prosperidade inclui as “Forças Armadas do Brasil” entre as “instituições, grupos, pessoas ou atividades” atacadas pela “doutrinação ideológica de esquerda”, com a “clara intenção de desconstruir” essa “espinha dorsal da nação [...] o último obstáculo para o socialismo”.³⁷ Vale lembrar como justificou seu voto favorável ao impeachment de Dilma, homenageando o coronel Brilhante Ustra, novamente citado em sua entrevista no programa “Roda Viva”, em 2018.

Por fim, uma mitificação de cunho religioso completa a ossatura da retórica bolsonarista, auxiliando na compreensão do amplo apoio gozado em meios religiosos conservadores. As representações da facada sofrida por Bolsonaro deixam transparecer melhor essa dimensão do culto à morte que gera a vida (morte sacrificial) e evocação da pureza e eternidade da causa. Ela foi ritualizada, estetizada como símbolo cultuado por seus seguidores, com alguns trajando camisetas que representam esse ato-marco sacrificial e devocional, o quase martírio do líder, que verteu seu sangue em prol da regeneração da nação e proteção dos “verdadeiros brasileiros” e de suas tradições ameaçadas. A mitificação também teve lugar em postagens associando Jair ao “Messias”, em falas de líderes religiosos reivindicando sua eleição como manifestação da Providência e em uma intervenção de Michelle Bolsonaro: “O que era para ser morte, foi para o milagre: resgatou o patriotismo, resgatou uma nação, despertou uma igreja que orou pela vida dele”.³⁸

A retórica fascista conforme Stanley e Finchelstein

Em *Como Funciona o Fascismo: a Política do “nós” e “eles”*, Jason Stanley busca desnudar sua estrutura ideológica e oferecer ferramentas críticas que permitam

36 ESTADÃO. “Bolsonaro quer comemoração do golpe de 1964 nos quartéis”. *Veja*, 25 mar. 2019.

37 CAMINHO DA PROSPERIDADE. Propostas de plano de governo de Jair Bolsonaro. TSE, Brasília, 2018. p. 27.

38 EXTRA. “Emocionada, Michelle Bolsonaro discursa durante pré-estreia de filme e fala sobre facada a Bolsonaro”. *Extra Globo*, 26 mar. 2019.

diferenciar táticas legítimas daquelas “fascistas” no âmbito das democracias liberais, garantindo meios de melhor resistir.³⁹ Destaca dez componentes centrais do discurso e funcionamento fascista, cada um detalhado em capítulo à parte: passado mítico, propaganda, anti-intelectualismo, irrealidade, hierarquia, autovitimização, lei e ordem e ansiedade sexual, além de apelo ao interior puro da nação, a noção de culpa e pecado (“Sodoma e Gomorra”), luta contra o desmantelamento da unidade e pelo bem estar público e o slogan de Auschwitz, “O trabalho liberta”. Se o uso de alguns destes elementos pode ser legítimo, em alguns “perigosos momentos” foram reunidos por um partido ou movimento, inclusive na atualidade, sendo mobilizados cada vez mais frequentemente.

Ao abordar, especificamente, a dimensão retórica dos fascismos, Stanley apresenta um uso pertinente desse conceito na contemporaneidade, haja vista as semelhanças na lógica discursiva (não obstante a diferença de conjuntura e condições históricas). “Políticas fascistas não necessariamente levam a um Estado fascista explícito, contudo são perigosas”. Já na introdução, por meio do slogan “América primeiro”, da mitificação do passado e xenofobia, vincula Trump ao movimento que, nos anos 1930, foi a “face pública do sentimento pró-fascista nos EUA”. Menciona outros países que, nos últimos anos, foram tomados por um “certo tipo de nacionalismo de extrema-direita”, como Rússia, Hungria, Polônia, Índia e Turquia. Sem ignorar a necessidade de se considerar as especificidades de cada caso, destaca a urgência de fazer generalizações para compreender os paralelos na atualidade.

É assim que Stanley justifica o uso do “rótulo de ‘fascismo’ para ultranacionalismo de alguma espécie (étnico, religioso, cultural), com a nação representada na pessoa de um líder autoritário que fala em seu nome”.⁴⁰ Seu foco são as “táticas fascistas como mecanismo de chegar ao poder”, sendo o maior perigo a forma particular como desumanizam segmentos da população, excluindo-os e limitando a capacidade de empatia com eles, o que justifica tratamentos desumanos e repressivos, no limite, limpeza ética e genocídio, que são precedidos desses artifícios ou “ataques retóricos brutais e viciosos”, como em Ruanda e Myanmar. “O sintoma mais revelador da política fascista é a divisão” (separação intencional da população em “nós” e “eles”), o que se não é exclusivo dos fascismos é seu aspecto central, podendo apelar a fatores étnicos, religiosos, raciais para moldar uma ideologia e políticas públicas. “Todo mecanismo das políticas fascistas funciona para criar ou consolidar essa distinção”,

39 STANLEY, J. *How Fascism Works. The Politics of Us and Them*. New York: Random House: Oakland: University of California Press, 2018. p. 7-11.

40 STANLEY, J. *How Fascism Works. The Politics of Us and Them*. New York: Random House: Oakland: University of California Press, 2018. p. 8-9.

naturalizando as diferenças e hierarquias e rompendo um senso comum histórico ao criar um passado mítico, que fundamenta suas visões no presente. Refaz a compreensão comum da realidade, distorcendo-a, mobilizando ideias por meio de propaganda e anti-intelectualismo, atacando universidades e sistemas educacionais que desafiam sua lógica. Cria um “estado de irrealidade, com as fake news e teorias conspiratórias substituindo o debate razoável e diluindo a compreensão comum da realidade”. Eis que ganham espaço e se enraízam “crenças falsas e perigosas”, com o medo fundamentando a relação entre os grupos. Ao nós são associados valores positivos (“trabalho duro”, “status conquistado com luta e mérito”), geralmente vinculados a um interior imaculado em oposição aos centros cosmopolitas, povoados pela “tolerância liberal” e pelas “minorias preguiçosas”, que operam instituições corruptas beneficiárias de “nosso esforço”. “‘Nós’ somos produtores, ‘eles’ são ‘usurpadores’ [...] Nós somos trabalhadores e cumpridores da lei, tendo conquistado nossa liberdade através do trabalho; ‘Eles’ são preguiçosos, perversos, corruptos e decadentes”, com as conquistas de grupos minoritários percebidas negativamente, a partir de sentimentos de autovimitização do grupo dominante. As políticas de “lei e ordem” têm apelo de massa e espelham a polarização (“nós” somos cidadãos probos, eles criminosos, cujo comportamento representa uma ameaça existencial à nação). A depender da conjuntura nacional “eles” podem ser refugiados, minorias raciais, religiosas ou sexuais, feministas ou sindicalistas (a “ansiedade sexual” é explorada à medida que a hierarquia patriarcal é ameaçada pela crescente igualdade de gênero).⁴¹

O objetivo do discurso fascista é enredar a audiência visada e, para tal, em sua estrutura ideológica, os mecanismos ou dispositivos retóricos se ancoram um no outro. Os slogans que as pessoas são induzidas a repetir estão interconectados nessa narrativa, que liga um passado romantizado ao presente e tece uma distinção moral e existencial entre “nós” e “eles” (estes “mascaram seus objetivos destrutivos com a linguagem do liberalismo, ‘justiça social’” ou o “politicamente correto”). Essa divisão ignora realidades óbvias, sendo apoiada por “um ressentimento de uma elite liberal corrupta, que toma nosso dinheiro suado e ameaça nossas tradições” pretendendo nos “tornar fracos”. Se o fascismo de hoje “pode não parecer exatamente como fora nos anos 1930”, questões como o fluxo de refugiados são exploradas, hiperdimensionadas (como o “mito da Eurábia”) para reforçar a “propaganda fascista de que a nação está sob sítio, de que os estrangeiros são uma ameaça e perigo tanto dentro quanto fora das fronteiras”, com essa situação podendo consolidar as estruturas do fascismo.⁴²

41 STANLEY, J. *How Fascism Works. The Politics of Us and Them*. New York: Random House: Oakland: University of California Press, 2018. p. 10-11.

Stanley rebate os críticos que alegam que exagerou em sua argumentação apontando “a ameaça de normalização dos mitos fascistas” no cotidiano.⁴³ Na derrocada da democracia para o fascismo haveria uma tendência a banalizar aquilo que outrora fora inconcebível (como na Hungria e Polônia da contemporaneidade, onde tal processo estaria acelerado). “O que a normalização faz é transformar o moralmente extraordinário em ordinário. Faz-nos tolerar o que uma vez foi intolerável fazendo parecer que as coisas sempre foram assim”. É nesse sentido que, se a palavra “fascista” adquiriu um sentido extremo, a normalização de sua ideologia faz parecer um exagero usar esse conceito para definir situações contemporâneas. Se os objetivos de quem emprega táticas fascistas são variados, há aspectos comuns em seu pensamento e práticas trabalhando em sinergia, como o uso hipócrita do nacionalismo e identidade nacional para mobilizar as massas e manter ganhos nas mãos de poucos.

Em suma, Stanley manufatura um tipo ideal da estrutura retórica fascista, conectando sua eficácia também a elementos da psicologia social e a condicionantes socioeconômicos. Os dez pontos que destaca (e que exemplifica tanto a partir das manifestações clássicas, quanto contemporâneas) fundamentam bem um conceito genérico e como ele se sustenta em uma divisão maniqueísta e moralista do todo social. É explícito como, irrestritamente, esses pontos se verificam também nos trechos citados mais acima para ilustrar a retórica bolsonarista, alinhada com as demais expressões contemporâneas da extrema-direita. Se Trump e Le Pen são explicitamente mencionados e assim classificados, a versão brasileira só é definida como “fascista” em textos midiáticos posteriores, resultantes de entrevistas com Stanley. De todo modo, nelas o autor é enfático quanto à pertinência de sua classificação também para Bolsonaro.⁴⁴ Suas conclusões estão bem fundamentadas em amplas referências à filosofia política, aos clássicos da bibliografia especializada, mas também a autores da psicologia social e no uso de uma amostragem robusta de fontes, indo dos EUA do século XIX, passando pelos fascismos clássicos e chegando a nossos dias.

Sintetizando o universo retórico trabalhado por Bolsonaro e sua equipe à luz das considerações de Stanley, em seu cerne está a exploração do medo, ressentimento e ódio, trabalhando com elementos enraizados e retrógrados do senso comum, que foram distorcidos e arranjados em um todo aparentemente coerente. Trata-se de uma representação essencialista, irracional, hierárquica, unitarista, moralista,

42 STANLEY, J. *How Fascism Works. The Politics of Us and Them*. New York: Random House: Oakland: University of California Press, 2018. p. 11; 123-124.

43 STANLEY, J. *How Fascism Works. The Politics of Us and Them*. New York: Random House: Oakland: University of California Press, 2018. p. 124-126.

44 GRAMINHA, P. “Trump e Bolsonaro têm ideal fascista e contagiarão o mundo, diz autor dos EUA”. *UOL*, 16 dez. 2018.

ultranacionalista, conspiratória, belicosa e maniqueísta de mundo, associada a uma síndrome persecutória ou autovitimização, mobilizando permanentemente a necessidade urgente de regeneração ou revitalização nacional, espécie de ação salvífica face à decadência e corrupção generalizadas. É um apelo à pureza idealizada e à lei e ordem, que também explora noções como “o trabalho liberta”, ansiedade sexual e noção de culpa. A ascensão bolsonarista é uma promessa revolucionária de ruptura com uma atualidade nefasta e de retorno a uma idade dourada idealizada, aos bons tempos de estabilidade, riqueza e oportunidades. É retórica potente, de enorme poder mobilizador, que simplifica, deslegitima e demoniza as oposições, como mal absoluto. Contra este *out-group* ameaçador e pérfido está um nós legítimo, puro, justo e verdadeiro, que está ameaçado e necessita de proteção. Em defesa dos valores mais caros (Ocidente, família, nação ou religião), esse outro demonizado precisa ser eliminado, pois contágia, desestabiliza, corrompe e conspira. É contra ele que o líder se insurge e precisa de apoio nessa batalha escatológica. Irrealidade, autovitimização, mitificação do passado, propaganda e teoria conspiratória fundamentam essa estrutura narrativa, que apresenta os vários componentes centrais do discurso e funcionamento fascista conforme Stanley. Embora a espinha vertebral seja esta, em diferentes momentos (sobretudo após eleito), há falas contraditórias, recuos, que servem taticamente para minimizar atritos e desgastes, enquanto as falas direcionadas para a própria base são mantidas. Alinhada com as demais “engenharias do caos”,⁴⁵ são disparadas diferentes mensagens, conforme o público que se quer atingir, mas é esta a linha hegemônica na retórica bolsonarista, bem conformável ao tipo ideal fascista. Ataques à educação, ciência, mídias tradicionais e ao politicamente correto não são fortuitos, mas parte da imposição de um novo regime de verdade, a verdade do líder e da causa, ventilada pelos canais oficiais, por aqueles subsidiários e alinhados a esse discurso, que é apropriado, reproduzido e difundido amplamente por sua base social.

Finchelstein, em suas reflexões acerca das mentiras fascistas, aproxima-se da definição de Stanley, mas é menos enfático ao situar Bolsonaro (“Trump dos trópicos”) em uma zona limiar entre o populismo e o fascismo, que hoje compartilham dos mesmos objetivos, diferentemente de antes.⁴⁶ Finchelstein também destaca a

45 EMPOLI, G. Da. *Os engenheiros do caos*. São Paulo: Vestígio, 2019.

46 Finchelstein dedica uma obra inteira à relação entre populismo e fascismo, mantendo sua tese na obra mais recente. Seriam duas “ideologias políticas diferentes”, com o populismo sendo uma “compreensão autoritária da democracia que retrabalha o legado do fascismo após 1945 de modo a combiná-lo com diferentes procedimentos democráticos, sendo uma forma de pós-fascismo, que o reformula. Ou seja, populismo seria fascismo adaptado à democracia”, destacando-se o papel das eleições como referendo, o que não consta nos fascismos. FINCHELSTEIN, F. *A Brief History of Fascist Lies*. Oakland: University of California Press, 2020. p. 6-7; FINCHELSTEIN, F. *From Fascism to Populism in History*. Oakland: University of California Press, 2017. Já Stanley refuta a pertinência do conceito de populismo.

centralidade das mentiras no discurso fascista e que, hoje, elas estariam de “volta ao poder”, sendo necessário considerar a ideologia e retórica dos casos clássicos e como elas ensejam violência a fim de compreender nosso “problemático presente” de emergência de lideranças “populistas de direita”. Estas reproduzem elementos e táticas fascistas, como: ênfase na trindade “nação, povo e líder” (este infalível, tratado como verdadeiro representante); “negar e mitificar a realidade”, prevalecendo senso de emergência e perigo iminente; explorar a raiva e fantasias paranoicas; representar oprimidos como opressores, demonizando oposições; valer-se, sistematicamente, de “propaganda, falsidade e hipocrisia”. “O poder político fascista é, significativamente, derivado da cooptação da verdade e ampla divulgação de mentiras”. Estas são sistematizadas, utilizadas junto a outras técnicas de propaganda, substituindo o debate racional pela conspiração e ressentimento, colocando a realidade em xeque ao atacar a mídia, as ciências e ao desdizer-se constantemente, ignorando evidências. Se o fascismo age a partir de baixo, é legitimado a partir de cima.

Conforme Finchelstein, hoje estaríamos testemunhando um novo capítulo do fascismo e do populismo, no qual haveria uma aproximação dos “novos populistas da direita contemporânea” em relação ao “sonho fascista da destruição da história e sua substituição pelo mito do líder infalível”, o que as lideranças populistas de antes relutaram em fazer além de determinado ponto.⁴⁷ É essa proximidade que torna Finchelstein reticente em classificar o Trump original e sua versão tropical como populistas ou, simplesmente, fascistas, pois ambos demonizam a imprensa, glorificam políticas autoritárias e mentem sistematicamente, inclusive sobre questões ambientais, além da incitação à violência e à destruição da democracia. Os líderes fascistas encarnam uma verdade, um “universo alternativo” baseado na lógica do mito e em substituição à verdade factual (ironicamente apresentada como “fake news”), o que está “no centro de sua noção de poder, soberania popular e história” e está se banalizando, novamente, também no nosso presente. Inclusive, as mentiras fascistas pertencem a mesma linhagem política e intelectual da “pós-verdade”, são suas ancestrais, como também destaca D’Ancona.⁴⁸

Outra similaridade entre os populismos atuais e os fascismos clássicos, que estaria borrando as fronteiras em casos como de Bolsonaro, seria o revisionismo ou “manipulação histórica”, inventando ou ressignificando heróis e um passado mítico, inclusive no tocante ao próprio fascismo, cujo esquecimento ou distorção são necessários à medida que elementos de sua ideologia, retórica e táticas estão sendo

47 FINCHELSTEIN, F. *A Brief History of Fascist Lies*. Oakland: University of California Press, 2020. p. 8-9; 94-105.

48 D’ANCONA, M. *Pós-verdade*. Barueri: Faro Editorial, 2018.

reproduzidos e precisam ser dissociados, daí os “fascismos” serem de esquerda, o que distorce sua história para normalizar políticas similares no presente. Antes da “Revolução de 1964” ter garantido a democracia no Brasil, as lideranças fascistas já reivindicaram representar as “verdadeiras formas de democracia”, substituindo a história pelo mito, fabricando sistematicamente mentiras e, assim, impedindo o discernimento da realidade por seus seguidores, afundados em um “mundo revinionista [... baseado em] visões irracionais, messiânicas e paranoicas”. Por fim, outros elementos atuais compartilhados dos fascismos seriam a incitação e naturalização da violência; exploração da fé (como na imagem de salvador e mártir e na ideia de uma guerra religiosa entre “as verdades sagradas e as mentiras de um inimigo demoníaco”); “chauvinismo nacionalista e glorificação pessoal”; e a ameaça de destruir a democracia atuando dentro de suas instituições. São tais elementos que levaram Finchelstein à seguinte assertiva cautelosa: “ainda não está claro quão longe Bolsonaro irá no caminho que leva do populismo ao fascismo”, bem como na execução de políticas de discriminação, violência e crescente desigualdade, sem romper com a democracia, “sendo simbólicos seus movimentos antidemocráticos”. Ele estaria “no limite entre a ditadura fascista e a forma democrática do populismo” sem estar definido se constituirá um “fascismo do século XXI”.

À guisa de conclusão: outros olhares para o fascismo e sua possível expressão no bolsonarismo

É um tanto óbvio que, a leitura da retórica bolsonarista a partir das considerações teóricas de Stanley e Finchelstein, como feito aqui, não constitui alternativa única, não havendo consenso bibliográfico sobre a correta definição das versões contemporâneas da extrema-direita, como expresso nas próprias reticências de Finchelstein. Essa polêmica classificatória não terá fim, até porque a própria historiografia sobre o fascismo clássico não é consensual, havendo quem restrinja o uso do termo somente à experiência teuto-italiana e até mesmo quem refute sua aplicação à Alemanha nazista, pois isso minimizaria suas consideráveis diferenças para com o caso italiano.⁴⁹ Inclusive, alguns autores revisaram suas considerações, como Roger Eatwell que se, em obra de 2003, defendeu que seria considerável o potencial de “novas manifestações de fascismo na Europa”⁵⁰ (embora improvável que ocorram como ressurgimento de “sua forma

49 SACCOMANI, E. “Fascismo”. BOBBIO, N.; MATTEUCCI, N; PASQUINO, G. (org.). *Dicionário de política*. 11ª ed. Brasília: Editora da UNB, 1998.

50 EATWELL, R. *Fascism: A History*. London: Pimlico, 2003.

‘clássica’ nos países desenvolvidos”), escrevendo uma década depois com Matthew Goodwin, descartou o uso do conceito, optando por “populismo nacional”.⁵¹ Este, inclusive, é apresentado como uma “nova forma de democracia na qual os interesses e vozes das pessoas comuns figurariam muito mais proeminentemente”, sendo legítimas e compreensíveis muitas pautas defendidas por Le Pen e afins. Seu mérito é destacar — assim como fez Cas Muddle, entre outros⁵² — a normalização dessas agendas, que outrora eram marginais e vistas como absurdas e hoje ocupam o centro do debate público, hegemonizando posições e influenciando, inclusive, lideranças de esquerda. Outros autores também fundamentam a preferência pelo conceito de populismo, como Traverso, que reserva o uso de neofascismo apenas para grupos marginais, que reivindicam a continuidade histórica, como a Aurora Dourada, na Grécia, e o Jobbik, na Hungria⁵³. Eis também a posição da maioria dos que colaboraram em uma obra coletiva, via de regra, seguindo a argumentação de que a acusação de fascismo partiria de uma esquerda refém do neoliberalismo, que não mais seria uma alternativa real.⁵⁴

Em contrapartida, o livro de 2003 de Eatweel busca estabelecer um “mínimo fascista ‘genérico’” e conceber um “fascismo contemporâneo”, que tem muitos pontos em comum com as reflexões acima aprofundadas de Stanley e Finchelstein, sendo muito tênues as diferenças que justificariam o emprego de terminologias distintas. O legado dos casos clássicos seria conotativamente terrível, levando à rejeição de sua reivindicação explícita (o que torna os “fascismos” pós-1945 marginais). “Contudo, desde os anos 1980 tem havido crescentes sinais de que novas formas de fascismo estão sendo moldadas” e não seriam fenômenos passageiros, com Eatwell os definindo de “neofascismo”, sem com isso sugerir que reproduzam todas as ideias e reivindiquem sua pertença ideológica a esse legado. Escrita no começo do século, sua obra foi profética:

Fascismo ainda é uma ideologia que não ousa falar seu nome de forma aberta, mas aspectos centrais [...] parecem estar ressurgindo na paisagem mental europeia [...] uma nova vertente está surgindo e que está aprendendo a repaginar o fascismo para século XXI [...] Há sinais de perigo no horizonte para toda a Europa [...] O fascismo está em marcha novamente. Seu estilo às vezes pode ser muito diferente, mas o núcleo ideológico permanece o mesmo — a criação de uma nação holística e um estado radical da Terceira Via [...] os sinais crescentes de uma grande crise econômica, a perda de fé nas elites dominantes e a atração de uma liderança carismática são características que podem ser

51 EATWELL, R.; GOODWIN, M. *National Populism. The Revolt Against Liberal Democracy*. London: Pelican Books/Penguin Random House UK, 2018. p. 46-50.

52 MUDDLE, C. *The Far Right Today*. Cambridge: Polity Press, 2019.

53 TRAVERSO, E. *The New Faces of Fascism. Populism and the Far Right*. London: Verso, 2019.

54 APPADURAI, A (et al.). *A grande regressão: um debate internacional sobre os novos populismos e como enfrenta-los*. São Paulo: Estação Liberdade, 2019.

encontradas em todas as democracias ocidentais. O fascismo está em movimento mais uma vez, ainda que suas formas mais sofisticadas tenham aprendido a se adequar aos novos tempos.⁵⁵

Cas Muddle, igualmente, reflete sobre as expressões contemporâneas da extrema-direita, buscando a definição mais adequada para seus expoentes, sobretudo, aqueles que reivindicam ser “antissistema” e demonstram hostilidade aos princípios da democracia liberal. Esse grupo é definido como far-right e subdividido em dois subgrupos: a extreme-right (onde estaria o fascismo) e a radical right (que aceita os elementos essenciais da democracia, mas não de sua versão liberal), com o segundo, praticamente, sobrepondo-se ao conceito de “populismo nacional” de Eatwell e Goodwin⁵⁶. Inclusive, o populismo é outro elemento diferenciador destacado, aplicando-se somente à radical right. No geral, os subgrupos da far-right apresentariam outras diferenças qualitativas e quantitativas, inclusive, disputando o mesmo eleitorado e se atacando, de onde emanaria o efeito de normalização de suas agendas, já que à medida que foram ganhando adesão suas pautas foram reivindicadas por outros grupos para fins de obtenção ou manutenção de hegemonia política.

Poderíamos seguir apresentando outros autores que discutem os fascismos, seja no recorte clássico ou na contemporaneidade. Mas, para produzir ciência é necessário delimitar o objeto, definir um método e justificá-lo. Vale mencionar a ponderação de Walter Laqueur, justamente sobre as definições mais apropriadas para a extrema-direita na contemporaneidade: a teoria deve buscar “clarificar um fenômeno particular” e não se pautar pela busca de “um denominador comum mais amplo”, não sendo possível chegar a um termo no debate classificatório, o que não deve imobilizar as pesquisas.⁵⁷ Ou recorrer às teses sobre a história de Walter Benjamin, para quem devemos articular historicamente o passado, apropriando-nos de uma reminiscência “tal como relampeja no momento de um perigo”.⁵⁸ Se há discordâncias quanto ao conceito mais adequado para definir as expressões atuais da extrema-direita, nenhum autor e autora discorda quanto às diferenças para os casos clássicos, mas também quanto a similaridades em pontos centrais na lógica discursiva. Nesse sentido, seja pós, neo ou simplesmente fascismo, ou ainda “nacional populismo” ou outra nomenclatura, a reflexão aqui proposta colabora para a compreensão da realidade concreta, que é o crescimento da

55 EATWELL, R. *Fascism: A History*. London: Pimlico, 2003. p. 24-25; 365; 373-374.

56 MUDDLE, C. *The Far Right Today*. Cambridge: Polity Press, 2019. p. 31-32; 163-166.

57 LAQUEUR, W. *Fascism: Past, Present, Future*. Oxford: Oxford University Press, 1997. p. 6.

58 BENJAMIN, W. *Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura*. v. I. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 226.

extrema-direita em todo mundo e o que isso representa para as minorias e alteridades demonizadas. Quando a estigmatização de certos grupos se difunde junto com a deslegitimação das oposições o sentido de urgência deve ser despertado. Se há muito o termo fascismo se banalizou, sendo aplicado politicamente para desqualificar oposições, elementos centrais de sua definição guardam uma reveladora atualidade, como vimos, o que faz com que autores como Stanley, Laqueur e tantos outros recorram ao próprio conceito original, sem aditivos. Afinal, o local no qual essas manifestações se situam no espectro político-ideológico, a extrema-direita, permanece uma possibilidade, obviamente, que adaptada aos novos tempos, expressando as continuidades e rupturas comuns aos movimentos e pensamentos políticos ao longo do processo histórico. Até no país que enfrentou um programa de desnazificação, essa tonalidade ganha força, como atesta a crescente relevância política do partido “Alternativa para a Alemanha”. Elementos como a “pós-verdade” e tantos outros conectam as diferentes expressões dessa possibilidade difundida por todo o globo, dos EUA ao Japão, passando pelo Brasil.